

Evolution of the functionality of coastal areas: An analysis of beach tourism on the Alto Minho

Evolução das funcionalidades das praias: Uma análise do turismo balnear no Alto Minho

Emese Panyik*

Alexandra Esteves**

RESUMO

O presente artigo pretende analisar a transformação das funcionalidades das praias marítimas que, atualmente, se destacam como alternativa aos principais destinos de massas, atendendo ao caso concreto da região do Alto Minho, no norte de Portugal. Nesse sentido, foi realizada uma análise sistemática e comparativa das praias com o objetivo de explorar o processo de transformação do litoral através das alterações nas suas funcionalidades turísticas. O método utilizado permitiu uma comparação temporal (histórico-atual) e espacial (as praias atuais). Como tal, a pesquisa pretende contribuir para uma melhor compreensão da dinâmica das áreas costeiras menos turísticas de Portugal, em contraste com os destinos mais populares, conotados com o turismo de massa.

Palavras-chave: Praias, turismo balnear, funcionalidades, transformações, Alto Minho

ABSTRACT

This paper aims to analyse the transformation process of alternative coastal areas to the principal mass tourism destinations. In particular, the focus is on the different evolutionary path and the changes in the tourism-related functionalities arising primarily from different climatic conditions. To this end, the coastline of Alto Minho region of Northern Portugal was used as a case study. A systematic and comparative analysis has been con-

* Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Católica Portuguesa. Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas (GOVCOPP), Universidade de Aveiro. epanyik@braga.ucp.pt

** Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Católica Portuguesa. Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM) – UIM. estevesalexandra@gmail.com

ducted to explore what functions these littoral areas develop and how do these functions change over time. The method allowed for a temporal (historic vs. present) and a spatial (current beaches) comparison. As such, the research aims to contribute to a better understanding of the dynamics of the less touristic Portuguese coastal areas as compared to the mass tourism destinations of the country.

Key words: Beaches, beach tourism, functionalities, transformations, Alto Minho

1. INTRODUÇÃO

As origens do turismo moderno português estão intimamente ligadas à criação do primeiro balneário na Costa do Sol, mais concretamente no Estoril, em 1914. A dimensão da procura deste espaço pode ser avaliada pelo facto de, em 1932, ter atraído 2.500 *turistas* estrangeiros, o que equivale ao triplo do total das dormidas nos três hotéis mais importantes de Lisboa (Avenida Palace, Metrópole e Europa) (Costa, 1996).

Antes do desenvolvimento da nova região de turismo do Algarve, que aconteceu na década de 30 do século XX, havia três destinos turísticos preferenciais em Portugal, que atraíam, ainda que sazonalmente, um elevado número de visitantes: o resort do Estoril, o mais importante do país; Fátima, local de peregrinação em crescimento; Figueira da Foz, que associava a praia aos jogos de azar, frequentada por cidadãos nacionais e espanhóis. Os principais destinos turísticos do norte do país eram Espinho e Póvoa de Varzim, duas estâncias balneares procuradas sobretudo por portugueses (Costa, 1996).

Embora, em termos turísticos, o Algarve tenha sido descoberto pelos ingleses na década de 20 do século passado, foi apenas após a II Guerra Mundial que se consolidou, em resultado da conjugação de diversos fatores, designadamente o desenvolvimento dos meios de transporte, a construção do aeroporto de Faro e da Ponte 25 de Abril, que propiciaram a abertura da região ao turismo de massas e a sua transformação no destino mais procurado de Portugal. Segundo dados recentes, já atingiu mais de 14 milhões de dormidas por ano (14,3 milhões em 2012, INE¹), o que equivale a 36% das dormidas totais do país, ao passo que, no mesmo período, o norte registou 4,5 milhões².

A orla costeira do norte do país, nomeadamente a do Alto Minho, apresenta diferenças notórias com o Algarve em termos climáticos e, conseqüentemente, no domínio da oferta e da procura turística. Apesar de ter muitas praias de grande beleza natural, a costa nortenha é muito exposta, ao longo de todo o ano, aos ventos fortes e a água é fria, o que prejudica de forma significativa o sucesso do produto “sol-mar-areia”, contrastando com a amenidade do clima algarvio.

1 Instituto Nacional de Estatística

2 Os Açores (1 milhão), Alentejo (1.1 milhão) e Centro (3.8 milhões) estão atrás enquanto que a Madeira (5.5 milhões) e Lisboa (9.5 milhões) estão à frente.

O turismo balnear no norte de Portugal tem uma história já longa, que se inicia no século XX, associada, principalmente, a razões terapêuticas. Contudo, na atualidade, as suas praias não são consideradas as mais atrativas. Por exemplo, *O Guia Especial de Praias de 2013*, da revista *Sábado*, não inclui qualquer praia nortenha nas categorias temáticas de “para relaxar”, “para comer numa esplanada”, “para frequentar com crianças”, “para estar longe de tudo” e “para fazer desporto” (Sábado, 2013). No entanto, as peculiaridades das condições climáticas das praias desta zona propiciaram o desenvolvimento de outras funcionalidades, criando uma oferta muito própria, ainda que o nível de popularidade seja variável, a par das infraestruturas e serviços de qualidade.

Neste contexto, emergem duas questões: Como é que as áreas costeiras menos atrativas, sob o ponto de vista turístico, se posicionam em relação aos destinos mais populares? Que funções desenvolvem e como evoluem ao longo do tempo? Para responder a estas questões, o Alto Minho tem sido utilizado como um estudo de caso muito representativo. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar o processo de transformação da orla marítima do Alto Minho, tendo em conta as mudanças na funcionalidade turística, e contribuir para uma melhor compreensão da dinâmica das faixas costeiras do Atlântico, alternativas aos principais destinos do turismo de massas.

2. A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DAS PRAIAS DO ALTO MINHO

A importância dos banhos, que na Europa remonta ao período clássico, é recuperada na Inglaterra em finais do século XVIII. A relevância que alcançaram neste país não pode ser dissociada do desenvolvimento industrial, ocorrido na centúria setecentista, e das implicações dele decorrentes (Vasconcellos, 1907). A presença de aristocratas ingleses no sul da Europa e a publicitação dos benefícios da hidroterapia contribuíram para que, ainda no Antigo Regime, aumentasse a atração pelo mar.

É também na centúria setecentista que emerge o movimento higienista, que faz a apologia da higiene pública e privada como forma de evitar a propagação de doenças, e que aposta na sensibilização das populações, em particular das mais carenciadas, para os cuidados a ter com a limpeza do corpo (Cosme, 2007, p. 707-722). Ainda no século XVIII, também os alemães começam a manifestar apreço pelos banhos de mar e pelas suas qualidades terapêuticas e os franceses seguirão o mesmo caminho nos começos da centúria seguinte (Pessanha, 1893). Nesta altura, considerava-se que o ar marítimo, a água do mar, a areia e o banho em si, propiciavam o fortalecimento da saúde e o tratamento dos males do corpo e da alma (Machado, 2000). O ar do mar era recomendado para as pessoas debilitadas, sem apetite, e sobretudo para as crianças, e a água era aconselhada não apenas para o banho, de preferência frio, mas também para beber.

A exaltação das qualidades medicinais dos banhos de mar, do ar marítimo e do contacto com a areia, foi, num primeiro momento, a motivação primeira para que as

elites inglesas e, posteriormente, alemãs e francesas se deslocassem para as zonas litorais. Este movimento foi facilitado pelo desenvolvimento dos transportes, nomeadamente do comboio, que se traduziu no encurtamento de distâncias e na facilitação da circulação das pessoas e mercadorias. À medida que este fenómeno se foi generalizando pela Europa fora, promovendo o aparecimento de estâncias balneares, a função higienista e terapêutica da praia e dos banhos de mar vai dando lugar à vertente lúdica e social.

Em Portugal, as propriedades terapêuticas dos banhos de mar já eram reconhecidas no século XVIII. Segundo Silva Júnior, na sua obra *Estudo sobre os efeitos physiologicos e therapeuticos dos banhos do mar frios, o primeiro médico português a celebrar as virtualidades das águas marítimas foi Zacuto Lusitano, que viveu entre 1575 e 1642* (Júnior, 1874, p. 19). De acordo com o mesmo autor, na segunda metade do século XIX, a prática de banhos de mar já estava enraizada nas famílias, independentemente da sua condição social, que então se deslocavam para as localidades litorais para usufruírem dos seus benefícios (Júnior, 1874, p. 20). Em 1880, nas páginas do *Comércio do Lima*, jornal de Ponte de Lima, informava-se que o Visconde de Aurora, importante aristocrata da região, tinha ido a banhos, em Gontinhães, Vila Praia de Âncora, no mês de agosto, para cuidar da saúde³.

O banho de mar começava, então, a ser encarado como um elemento importante no processo de prevenção e cura de doenças, num país com graves problemas de saúde pública. Aos olhos da sociedade burguesa oitocentista, os pobres estavam associados à marginalidade, à criminalidade e ao surgimento e propagação de epidemias, como a cólera ou a febre-amarela, devido à falta de higiene e ao comportamento amoral e indisciplinado (Rodrigues, 1884, p. 24 e Cardoso, 1912, p. 52). Numa época cujo quadro mental era marcado pelo evolucionismo, pelo positivismo e por uma imagem totalizante da história, havia, portanto, que intervir e acionar mecanismos que permitissem transformar a escala de valores e o *modus vivendi* dos pobres. Assim, no século XIX, o banho e as práticas de higiene pessoal confundiam-se com atos civilizacionais, vulgarizados entre as classes burguesas, mas que apenas muito timidamente chegavam aos grupos sociais mais baixos, nos quais a o asseio do corpo se limitava, quando muito, às partes mais visíveis: mãos e rosto (Vigarello, 1988 e Corbin, 1990). Por consequência, a sujidade, quer do corpo, quer dos espaços públicos, começa a ser associada à miséria e à doença.

Com o dealbar do século XX, a higiene privada cientificou-se, ganhando importância os hábitos privados de limpeza, nomeadamente do banho, convergindo estas rotinas para a salvaguarda da saúde pública (Pereira e Pita, 2011). Todavia, ainda em 1926, Francisco Laranja de Castro Bicho, na sua dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina do Porto, escrevia o seguinte a respeito da população portuguesa:

³ *Comércio do Lima*, 1880-08-25, n.º 248, p. 2

O povo ainda não está compenetrado do verdadeiro valor da higiene e dos seus levantados fins, porque entre êle não se tem sabido criar o verdadeiro interesse por este assunto (Bicho, 1926, p. 75).

Como referimos, o costume da ida à praia apenas se generaliza na segunda metade da centúria oitocentista. Este atraso, relativamente aos demais países europeus, prende-se com a instabilidade que marcou a primeira metade do século XIX em Portugal, com as Invasões Francesas, a guerra civil, a revolta da Maria da Fonte e a Patuleia. Só a partir de meados deste século, o país pôde encetar um processo de industrialização e de modernização, que se traduziu na melhoria dos transportes e das vias de comunicação.

No norte de Portugal, as qualidades terapêuticas do mar e da praia, cujos ares eram tidos como mais favoráveis para o tratamento de certas enfermidades, como a tuberculose, começam a atrair cada vez mais nobres e burgueses. Por isso mesmo, entre 1901 e 1911, foram construídas várias estruturas de apoio aos tuberculosos, tendo presentes os princípios dos bons ares, repouso e alimentação adequada (Marques, 1901, p. 53): três sanatórios, dois dos quais marítimos, e cinco dispensários (Carvalho, 2005, p. 20). No distrito de Viana do Castelo, em Vila Praia de Âncora, junto ao mar, foi edificado um sanatório destinado ao tratamento da tuberculose óssea. Esta vila destacava-se, aliás, como principal destino balnear do Alto Minho, frequentado por ricos e pobres. Os hospitais marítimos generalizaram-se em Itália ainda no século XIX e, posteriormente, nos Estados Unidos e na Alemanha, graças a iniciativas filantrópicas (Pinto, 1887).

Inicialmente, devido às temperaturas mais baixas, os banhistas eram aconselhados a frequentarem as praias acima do Tejo, como a de Espinho (Briz, 2007). Só mais tarde, já no século XX, é que os veraneantes buscarão lugares mais quentes. Nos anos 60, o Algarve impõe-se como o principal destino balnear em Portugal. Ainda na centúria oitocentista, surge a hierarquização das praias. Assim, no norte do país, as mais prestigiadas eram as de Espinho, Granja, Leça, Pedrouços, Póvoa do Varzim e, numa posição mais distante, Vila do Conde (Ortigão, 1875).

A graduação das praias era definida com base no estatuto social dos seus frequentadores e, deste modo, a presença da aristocracia era fundamental. No entanto, a mesma praia podia ser procurada por veraneantes pertencentes a diferentes estratos sociais, embora não se misturassem, pois escolhiam temporadas distintas para irem a banhos. Enquanto a época balnear de nobres e burgueses incidia nos meses de junho e julho, prolongando-se até setembro, a das gentes do campo restringia-se praticamente ao mês de outubro, após o fim das colheitas. Além do mais, enquanto as classes mais abastadas dispunham de três ou quatro meses para usufruírem da praia, já os menos abonados não iam além de três dias. É que as despesas com o alojamento, deslocações e outros encargos não estavam ao alcance de todas as bolsas. Por outro lado, como nem todos tinham a possibilidade de adquirir ou construir casas de veraneio, nos inícios do século XX já se alugavam quartos em Viana

do Castelo para quem quisesse desfrutar dos areis marítimos. Para o efeito, colocavam-se anúncios nos diversos periódicos que se publicavam nos concelhos pertencentes àquela circunscrição administrativa⁴.

Mas as diferenças entre os frequentadores da praia observavam-se também na indumentária, que foi adquirindo um significado cada vez maior sob o ponto de vista social. A moda de praia era já uma realidade nos inícios do século XX, mesmo numa praia menos conceituada como a de Vila Praia de Âncora, frequentada essencialmente pelos habitantes dos concelhos interiores do distrito de Viana do Castelo. Nem as agruras da guerra pareciam demover homens e mulheres do ritual cada vez mais característico do verão, aproveitado para exibir os fatos da moda. A este propósito, em 15 de setembro de 1918, nas páginas do jornal valenciano *A Plebe*, escrevia-se o seguinte sobre os frequentadores da praia de Vila Praia de Âncora, no concelho de Caminha:

Neste momento apesar da guerra, todas as praias e estâncias termais estão cheias. Entremeadas com os uniformes de todos os países, veem-se ali as elegantes sempre chics, embora vestindo com grande simplicidade que caracteriza a moda neste ano. Os vestidos direitos muito simples, apenas guarnecidos a maior parte das vezes com grandes colarinhos que caem quasi até à cintura⁵.

As mulheres apresentavam-se na praia com vestidos de cauda e os homens trajavam camisola e calças. À medida que a ida à praia se vai generalizando e adquirindo uma maior relevância social, surge uma moda específica apenas ao alcance de alguns. Os trabalhadores rurais continuarão a envergar a roupa de trabalho para tomarem os banhos de mar. A este propósito, Augusto Vieira, na sua obra *Minho Pittoresco*, descreve a indumentária com que as gentes do campo se banhavam:

Traz um lenço na cabeça, por baixo do chapéu, atado ao queixo, amplas chinelas de couro cru, longo capote de cabeções. Mulheres de pés nus, com saias de baeta pelos ombros (Vieira, 1987, p. 216).

A praia tendia a impor-se como um microespaço reprodutor dos quotidianos dos seus frequentadores. Daí que as desigualdades também estivessem presentes, não só as sociais, mas também as de género. Homens e mulheres comportavam-se de forma distinta e tinham hábitos diferentes, considerados próprios de cada género. Até à Revolução de 25 de abril de 1974, os movimentos da mulher estavam cerceados e limitados em termos espaciais e comportamentais. Por exemplo, a legislação de 1941 previa a fiscalização das medidas do fato de banho feminino (Cadavez, 2012, p. 159).

⁴ *Comércio do Lima*, 1909-09-04, n.º 158.

⁵ *A plebe*, 15 de setembro de 1918, Ano n.º 8, n.º 353

Como foi já referido, os banhos de mar eram aconselhados para as crianças, já que favoreciam o seu crescimento, o que levou ao aparecimento de colónias balneares, destinadas às mais pobres, com o propósito de se evitar o aparecimento de enfermidades como a tuberculose, e para as mulheres, pois a água do mar apresentava uma série de benefícios, nomeadamente para o tratamento de doenças femininas (Pinto, 1887, p. 35). Sob o ponto de vista medicamentoso, a frequência da praia era recomendada para os mais debilitados fisicamente e ainda para os doentes de espírito, como eram então designados os padecentes de moléstias do foro mental. A histeria, conhecida como “nevroses”, doença associada a um estado patológico do útero “ou dos seus anexos”, que se verificaria nas mulheres com um comportamento tido mais arrojado ou descondizente com os cânones de então, era tratada com hidroterapia (Almeida, 1885, p. 32). Contudo, aos idosos, às crianças que se encontravam na primeira infância e às mulheres grávidas, recomendava-se moderação nas idas à praia e nos banhos de mar (Pinto, 1887, p. 35). Deste modo, a praia foi assumindo uma vertente mais curativa para as crianças e mulheres e mais social para o homem.

A estadia na praia propiciava o desenvolvimento de diversas atividades, destinadas sobretudo aos homens: passeios, jogos, idas ao café, visitas a amigos, entre outras. A praia transforma-se num lugar de entretenimento e numa oportunidade para reunião da família (Casção, 2011, p. 250-251). À medida que a vertente terapêutica da praia vai decaindo e se valoriza a dimensão social e lúdica, surgem estruturas de convívio e lazer, ainda que mais vocacionada para os elementos do sexo masculino, como salões de jogo, clubes, cafés e sobretudo casinos. Estes, em particular, foram dos espaços mais impulsionados pela febre banhar, despertando o interesse dos municípios tendo em vista a obtenção de benefícios económicos (Vaquinhas, 2006, p. 22).

A praia de Póvoa do Varzim, à qual acorriam nobres endinheirados do Baixo e do Alto Minho, destacava-se pela sua grande e diversificada afluência. As gentes do distrito de Viana do Castelo preferiam Vila Praia de Âncora, no concelho de Caminha, que, a pouco e pouco, se foi impondo como o destino banhar por excelência daquela circunscrição administrativa, embora não figurasse entre as praias em voga no século XX. Ramalho Ortigão, na obra *As praias de Portugal. Guia do Banhista e do viajante*, faz-lhe referência, mas era ainda classificada como “obscura” (1875, p. 111). Também Moledo, no mesmo concelho, já era descrita, em finais do século XIX, por José Augusto Vieira como uma praia de futuro: “alguns anos corridos, Moledo será uma praia encantadora como hoje o é já pela convivência familiar e despretensiosa dos seus frequentadores (1986, p. 185).”

À semelhança de outras estâncias balneares, findado o mês de setembro e após um verão movimentado, Vila Praia de Âncora ficava reduzida aos seus moradores e aos banhistas menos abastados, que, condicionados pelos afazeres do campo, só em outubro podiam ir a banhos⁶.

6 A este propósito, no jornal valenciano *A plebe*, em 1918, escrevia-se o seguinte: As famílias saíam de Âncora ao final do mês de setembro. Em outubro a vila ficava apenas com um reduzido movimento banhar. Este era um mês em que localidade era frequentada por banhistas mais modestos, do campo, que acorriam à estância banhar terminadas as vindimas. Todavia, tal não se repetiu no ano de 1918, dado que a epidemia afastou os veraneantes tardios. *A plebe*, 20 de outubro de 1918, Ano n.º 8, n.º 357.

Nos finais do século XIX, a praia de Gontinhães, conhecida como a praia de Âncora, já estava rodeada de construções modernas para a época e exibia uma agitação pouco comum, causada pela presença e pelos hábitos dos veraneantes (Vieira, 1986, p. 187). Deixa, então, de ser apenas uma pequena comunidade de pescadores, como era descrita por Raul Brandão:

Perto de Âncora fica a povoação de Gontinhães, de pescadores e pedreiros, os pescadores ao pé do mar, os outros lá em cima no Calvário, unidos pelo caminho da Lagarteira, torto e lajeado. É uma aldeia pobre e humilde, pobre e doirada (Almeida, 1987, p. 152).

Contudo, nos concelhos alto minhotos, na época de veraneio, nem todos procuravam a praia. Muitos demandavam as termas e caldas de Monção, Curia e Caldelas, pelo menos até à primeira metade do século XX. Este foi um período marcado por acontecimentos que influenciaram o desenvolvimento do turismo: duas guerras mundiais e a Grande Depressão. Nos anos 30 e 40 desse século, registaram-se também importantes avanços no setor dos transportes, com destaque para o aparecimento do avião. Data de 1927 a criação dos Serviços Aéreos Portugueses, cujas rotas ligarão Portugal à Espanha. Esta conjuntura beneficiará a região da Costa do Sol, que, por força destes acontecimentos e da Guerra Civil Espanhola, acabará por se impor como um destino turístico de renome internacional (Cadavez, 2012). A partir de finais dos anos 30, alguns portugueses, ainda que em número reduzido, começam também a beneficiar de férias pagas, à semelhança do que já acontecia noutros países europeus.

Durante o Estado Novo, na praia de Moledo, situada no concelho de Caminha, e na praia do Cabedelo, no município de Viana do Castelo, foram realizadas importantes obras de beneficiação, tornando-as mais atraentes para os veraneantes (Martins, 2011, p. 42). Nesta última funcionava, desde 1964, uma colónia balnear infantil⁷.

Em resultado da generalização das férias pagas, assiste-se ao incremento do turismo na Europa. Apesar da fama que o Algarve começa a conquistar, as praias do norte de Portugal mantêm o seu prestígio e a sua atratividade, graças, em parte, à envolvência paisagística. No entanto, à medida que avançamos para a segunda metade do século XX, com o crescente culto da aparência física, a procura das estâncias balneares será condicionada pela temperatura, sendo o Sol o protagonista, o que fará com o Algarve sobressaia, cada vez mais, como destino de eleição para portugueses e estrangeiros. Paralelamente, são cada vez menos as pessoas que demandam a praia por razões terapêuticas, realidade a que não é alheio o avanço da ciência (Martins, 2011, p. 85).

No distrito de Viana do Castelo, na década de 40, ganham destaque outras praias, como a de Afife. Em 1964, começaram a surgir interesses económicos associados ao cresci-

⁷ Arquivo Distrital de Viana do Castelo (doravante ADVC), *Construção da colónia balnear infantil da praia do Cabedelo*, 1.51.7.1-2, documentos avulso.

mento do turismo nesta praia, que levaram, inclusive, à constituição de uma sociedade virada para a construção de hotéis, casas de fim de semana, parques de jogos, entre outros empreendimentos. De facto, Afife foi-se afirmando como um importante ponto de interesse turístico, mercê de vários fatores favoráveis, designadamente as vias de comunicação, pois é atravessada pela linha do caminho de ferro e pela estrada que liga Viana do Castelo a Vila Praia de Âncora, e as múltiplas estruturas de apoio que foram sendo criadas (bares, restaurantes e casino, entre outras). Também a praia Norte, ainda mais próxima da cidade, conheceu uma enorme afluência nos anos 60, sugerindo-se até que sofria de problemas de congestionamento⁸. Ainda nesta década, Modelo do Minho, “a primeira Praia do Norte do país”, muito procurada por turistas nacionais e estrangeiros, avançou com um plano de urbanização, a fim de tornar possível a construção de uma zona residencial e, desse modo, oferecer melhores condições de acolhimento aos visitantes.

Uma última referência para os banhos de rio. No que respeita ao distrito de Viana do Castelo, é possível aferir o interesse pelos banhos fluviais, em finais do século XIX, através dos pedidos de licenças para a instalação de barracas de madeira, feitos pelas populações, para se banharem nas margens dos rios Lima, Minho ou Cávado⁹. Tendo em consideração essas solicitações, conclui-se que estes banhos não atingiram nem a procura nem o reconhecimento conseguidos pelos banhos de mar, para o que contribuiu, certamente, o seu reduzido impacto social e a ausência de estudos que evidenciassem as suas virtudes terapêuticas, entre outras razões.

Até às primeiras décadas do século XX, as famílias faziam questão de anunciar as saídas para banhos e o regresso às terras de origem, o que mostra que nas praias, mais que saúde, procurava-se mais uma oportunidade para exibição do prestígio e para afirmação social.

Regressaram de Monsão onde estiveram fazendo uso das termas, as srs. D. Dores Mota Lopes e interessante filhinha D. Lina Rodrigues Brito e o sr. Joaquim Pinto Mota. Retirou de Ancora para a sua casa no Porto, o nosso presado patricio e migo sr. Manoel Alves, s. ex. ma esposa D. Isaura Toga Machado Alves e o seu galante filhinho Carlos. Da praia de Ancora, onde esteve a banhos com os seus gentis filhinhos, veio a esta vila, de visita a sua estremosa mãe a Sra. D. Maria dos Anjos Santos Alves, dedicada esposa do nosso querido conterrâneo e amigo sr. Joaquim Alves, socio da firma Moreira Alves & irmão do Porto¹⁰.

8 ADVC, *Arruamento de acesso à praia sul de Afife*, n. 1.51.6.4-5, não paginado.

9 ADVC, *Consultas de barracas para banhos*, n. 2.38.4.1-37, não paginado.

10 *O campanário*, 26 de setembro de 1917.

3. FUNCIONALIDADE ATUAL DAS PRAIAS DO ALTO MINHO

Apesar de a zona litoral do Alto Minho ter começado a desenvolver-se no século XIX, só conheceu um investimento turístico significativo na década de 60 da centúria seguinte, devido principalmente à construção de hotéis de pequena e média dimensão (Edwards e Fernandes, 1999). Durante as duas décadas seguintes, devido à reduzida procura do turismo de “sol-mar-areia”, foi dada maior atenção às potencialidades do interior rural, em especial ao vale do Lima e ao Parque Nacional Peneda Gerês, procurando tirar partido do riquíssimo património edificado, da paisagem, da gastronomia, entre outros pontos de interesse. Ainda hoje, os recursos turísticos do Alto Minho são determinados pela localização “rural-costeira” da região (Edwards e Fernandes, 1999).

Atualmente, na orla marítima do Alto Minho, delimitada a norte pela Galiza e a sul pela zona costeira da Área Metropolitana do Porto, estão referenciadas dezasseis praias, ao longo de cerca de sessenta quilómetros, distribuídas pelos concelhos de Caminha (de norte para o sul: Foz do Minho, Moledo, Vila Praia de Âncora e Forte do Cão ou Gelfa) e de Viana do Castelo (a partir de Ínsua até Castelo do Neiva), conforme se mostra no Mapa 1.

Mapa 1. As praias do Alto Minho



Fonte: *Visão* No 1060 (27 de junho, 2013) *Guia Praias* 2013, No 1, Norte

O facto de não existir nesta zona um turismo de massas contribui para que a qualidade das águas e das praias mantenha um nível muito elevado. Por outro lado, é de sublinhar a preservação da sua beleza natural, apregoada como imagem de marca, como acontece, por exemplo, no concelho da Caminha.

A qualidade ambiental das zonas balneares pode ser aferida pelos resultados da atribuição da Bandeira Azul na última década (Quadro 1). O sistema de avaliação das praias e marinas aplicado pela Fundação para a Educação Ambiental (FEE) envolve 32 requisitos, desde a qualidade da água e a segurança até aos serviços e infraestruturas de apoio (ABAE, 2013). Como pode ser observado no Quadro 1, não há grande flutuação na atribuição deste símbolo ao longo da última década: todos os anos foi atribuído a, pelo menos, metade das praias da região. O ano com menos Bandeiras Azuis foi 2008, com oito, e o ano com mais distinções foi 2004, quando doze praias obtiveram esse galardão. Por outro lado, quando analisamos as praias separadamente, podemos detetar grandes diferenças. Existem praias que nunca foram agraciadas (Fornelos, Canto Marinho, Porto de Vinha e Rodanho) e praias que, durante a última década, receberam sempre o título (Moledo, Afife, Arda/Bico, Paço, Cabedelo e Amorosa).

Quadro 1. Praias do Alto Minho galardoadas com a Bandeira Azul entre 2004 e 2013

	Ano/Zona balnear	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Todos
Caminha	Foz do Minho/ Caminha	x		x	x	x	x	x	x	x	x	9
	Moledo	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	10
	Vila Praia de Âncora	x	x					x	x			4
	Forte do Cão ou Gelfa									x	x	2
	Ínsua	x	x									2
Viana do castelo	Afife	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	10
	Arda/Bico	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	10
	Paço	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	10
	Fornelos e Mont- edor											-
	Carreço	x	x	x		x	x	x	x	x	x	9
	Canto Marinho											-
	Norte	x	x				x	x	x	x	x	7
	Porto de Vinha											
	Cabedelo	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	10
	Rodanho											-
	Amorosa	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	10
	Castelo do Neiva	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	10
Todos		12	11	9	8	9	10	11	11	11	11	

Fonte: Criação própria com base em dados recolhidos junto da Associação Bandeira Azul da Europa (<http://www.abae.pt>).

Quando analisamos a distinção focada exclusivamente na qualidade da água, nomeadamente a *Qualidade de Ouro*, concedida pela Associação Nacional de Conservação da Natureza (QUERCUS) desde 2010, os resultados mostram que, com exceção de Canto Marinho e Rodanho, que também não receberam a Bandeira Azul, todas as praias do concelho de Viana do Castelo receberam esta distinção. Contudo, aquelas duas praias foram agraciadas com o galardão de *Praia Dourada* em 1998 pelo Ministério do Ambiente, reconhecendo a importância ambiental e o contributo para a preservação do seu carácter selvagem, tendo ainda Canto Marinho sido selecionada para figurar entre as 21 finalistas da edição *Praias de Portugal* do concurso *7 Maravilhas* em 2012, na categoria de “praia selvagem”. A outra praia marítima considerada neste concurso foi a do Cabedelo, na categoria “praias de uso desportivo”, sendo incluída entre as 70 pré-finalistas¹¹. Tendo em conta os critérios da segurança, saúde e acessibilidade para pessoas com mobilidade condicionada, as praias de Carreço e da Amorosa, situadas no concelho de Viana do Castelo, foram distinguidas com ambos os títulos¹², tal como as praias da Foz do Minho e de Vila Praia de Âncora, em Caminha. Neste último concelho, a praia de Moledo foi também contemplada na categoria das “praias saudáveis”.

O tipo e a variedade de atividades náuticas, bem como o produto turístico que incorporam estes elementos, são fortemente influenciados pelo carácter atlântico da costa do Alto Minho. Aliás, a região promove-se recorrendo ao *slogan* “um mundo de experiências náuticas”¹³. Esta relação está patente no Quadro 2, que compara as características, funções turísticas e popularidade das praias na atualidade. O facto de a grande maioria das praias serem ventosas favorece a prática de desportos radicais, sobretudo *surf* e *bodyboard*. Há, de facto, uma oferta diversificada de desportos náuticos na região (*surf*, *bodyboard*, *kitesurf*, *windsurf*, *longboard* e *paddle*), promovidos por organizações locais especializadas, como, por exemplo, o Afife Boardriders Club, reconhecida a nível internacional. Aliás, a praia do Afife faz parte do evento internacional “International Surfing Day” (Dia Internacional do Surf), que ocorre, anualmente, a 23 de junho.

As condições climáticas, tidas como pouco atrativas, explicam, em boa medida, o reduzido número de praias que possamos apelidar de populares, comparativamente a outras regiões do país, o que faz com que, em muitas delas, as estruturas de apoio sejam escassas ou mesmo inexistentes. Todavia, essas mesmas condições favorecem a preservação da sua morfologia. Não há consenso quanto a este tópico, dado o peso da subjetividade na avaliação da beleza das praias. Mesmo assim, as plataformas virtuais de revistas que divulgam as praias portuguesas consideram que as praias de Afife, Moledo e Canto Marinho são

11 <http://www.7maravilhas.sapo.pt>. Consultado em Julho de 2013.

12 Praia Saudável promovido pela Fundação Vodafone Portugal desde 2005 e Praia Acessível/Praia para Todos organizada pelo Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P., o Instituto da Água, I.P., o Turismo de Portugal e o Instituto do Emprego e Formação Profissional desde 2004.

13 Câmara Municipal de Viana do Castelo (<http://cm-viana-castelo.pt/pt/atividades-nauticas>). Consultado em Julho de 2013)

das mais belas do país (Visão, Up Magazine, Máxima, Económico)¹⁴. As praias de Arda, Paçô, Fornelos e Promontório de Montedor são mais ventosas, mas oferecem uma paisagem natural que merece ser destacada. Por isso, pode ser estabelecida uma correlação entre as características climáticas, o nível de preservação da morfologia, a paisagem natural e o valor estético atribuído às praias. Existem ainda três praias na região consideradas com valor terapêutico por serem muito ricas em iodo (Foz do Minho, Moledo e Praia Norte). A promoção das qualidades medicinais destas praias é feita apenas através do aconselhamento médico, não existindo qualquer estratégia de *marketing*.

A análise da popularidade *online* das praias do Alto Minho, através da presença na maior comunidade social virtual, o Facebook, permite identificar as mais conhecidas e que conseguem criar grupos sociais virtuais. Como se pode observar no Quadro 2, a mais popular é, de longe, Vila Praia de Âncora, que está presente com quatro páginas e tem um total de 6400 fãs (dados recolhidos em julho de 2013). A segunda é Castelo de Neiva, que também tem quatro páginas e 3350 admiradores. Nestes casos, é importante esclarecer que as páginas se referem ao local, e respetivas comunidades, e não especificamente às praias. Contudo, como já foi referido, Vila Praia de Âncora é uma das praias com mais história de turismo balnear da região. Começou a ser muito frequentada a partir da segunda parte do século XIX, o que pode ser um fator relevante a considerar na interpretação destes dados.

Por outro lado, há três praias ausentes no Facebook: Ínsua, Porta de Vinha e Rodanho. São, de facto, as praias comparativamente menos conhecidas e mais selvagens da região. Existem ainda páginas com representação referente exclusivamente às praias de Arda/Bico, Paçô e Canto Marinho. A diferença no que diz respeito à popularidade entre duas praias vizinhas, Arda/Bico e Paçô, é significativa: enquanto a primeira tem mais de dois mil “gosto”, a segunda tem menos de vinte. Contudo, existe uma página dedicada a ambas: “Arda & Paçô” com 200 “gosto”, atualizada frequentemente com fotos e informação meteorológica.

O caso específico de Canto Marinho, finalista do concurso promovido pela RTP 1 “7 Maravilhas - Praias de Portugal”, com uma página dedicada exclusivamente à praia, mostra que os concursos, neste caso televisivos, não produzem efeitos apenas no *marketing* tradicional, mas também contribuem para a criação de comunidades sociais virtuais dos locais em causa. As estâncias balneares mais populares e amplamente conhecidas pela sua beleza excepcional têm ainda o poder de criar os seus grupos de fãs. Por exemplo, a praia do Moledo tem um grupo intitulado “Adoro a praia de Moledo do Minho” e a praia da Amorosa tem dois grupos que, da mesma forma, enfatizam os sentimentos dos seus apreciadores: “Eu passava férias na Praia da Amorosa....e gostava!” e “Amamos a Nossa Praia

14 <http://visao.sapo.pt/as-36-melhores-praias=f672511>; http://upmagazine-tap.com/pt_artigos/o-berco-verde-de-portugal/; <http://www.maxima.xl.pt/viagens/14746-10-praias-imperd%C3%ADveis-de-norte-a-sul.htm>; http://economico.sapo.pt/noticias/conheca-as-melhores-praias-de-portugal_119614.html (Consultados em Julho, 2013);

da Amorosa”. Este último exibe as siglas do grupo (ANPA), criando um formato quase organizacional da comunidade dos fãs da página. Apesar de terem poucos membros, estas páginas são muito esclarecedoras sob o ponto de vista informativo, divulgando não só a beleza, mas também a vida social das praias. Ultimamente, o “International Surf Day”, que tem lugar em Afife, apresenta uma página dedicada ao evento, o que permite um maior conhecimento sobre a praia e as suas atividades.

Quadro 2. Características, funcionalidade e popularidade *online* das praias do Alto Minho

	Ano/Zona balnear	Características	Atividades náuticas	Outras atrações/ eventos	Presença no Facebook (julho, 2013)
Caminha	Foz do Minho/ Caminha	Ventosa/Vista excepcional/ Qualidades terapêuticas por ser muito rica em iodo	Serviço de táxi/ Reboque/ Pesca turística	Feira Medieval /Festival Folkmundo	Local/Praia: Sim, 22 gostos
	Moledo	Qualidades terapêuticas por ser muito rica em iodo/ Vista excepcional	Surf/bodyboard Kitesurf/windsurf Vela Mergulho	-	Praia: Sim, 3 páginas, 240 gostos Local: 400 gostos
	Vila Praia de Âncora	Ventosa/Praia popular	Aluguer de embarcações Pesca turística Surf/bodyboard	Novo Parque Dr. Ramos Pereira (Parque multiusos junto à praia) Festa do Mar da Sardinha	Local: 4 páginas (6400 gostos)
	Forte do Cão ou Gelfa	-	Surf/bodyboard	Parque de Campismo/ Forte do Cão	Praia: Sim (Gelfa) 8 gostos; Local: Sim, Gelfa: 0 gostos; Forte do Cão: 3 gostos
	Ínsua	Protegida do vento pelas dunas	Desportos radicais/ Pesca desportiva e caça submarina	Forte da Ínsua	-
Afife	Afife	Ventosa; Considerado uma das mais belas e mais limpas praias de Portugal/Praia popular/Boas estruturas de apoio	Surf/bodyboard	-	Praia: Sim, 4 páginas, 80 gostos Local: 280 gostos
	Arda/Bico	Paisagem natural Ventosa	Surf/bodyboard	-	Praia: Sim, Arda: 2020 gostos Local: -
	Paço	Paisagem natural Ventosa	-	Forte do Paço (um antigo edifício militar)	Praia: Sim, 16 gostos Local: -
	Fornelos e Montedor	Paisagem natural	-	Moinhos/Farol de Montedor/ Gravuras dos primórdios da Idade dos Metais	Praia: Sim (Praia fluvial de Fornelos): 2 páginas 220 gostos Local: Sim, Montedor, 9 gostos

Viana do castelo	Carreço	Protegida do vento pelas dunas/Boas estruturas de apoio/Praia popular	-	-	Praia: Sim, 70 gostos Local: 2 páginas, 160 gostos
	Canto Marinho	Paisagem natural/Vista excepcional/ Sem infraestruturas	-	-	Praia: Sim, 700 gostos Local: -
Viana do castelo	Norte	Qualidades terapêuticas por ser muito rica em iodo/ Praia popular/urbana (Cafés, esplanadas)	Aluguer de embarcações Cruzeiros Mergulho Passeios de veleiro	-	Praia: Sim, 2 páginas, 214 gostos
	Porto de Vinha	-	-	Moinhos de vento/Forte de Castelo Velho	-
	Cabelado	Ventosa/ Boas estruturas de serviço	Surf/bodyboard Kitesurf/windsurf	Norte: surf (Competições de âmbito internacional) Sul: praia popular	Praia: Sim, 112 gostos Local: Sim, 1630 gostos
	Rodanho	Praia selvagem/Sem infraestruturas	Surf/bodyboard	Acesso difícil/ Desportos aquáticos	-
	Amorosa	Praia popular (Restauração, bares, pastelarias)	Surf/bodyboard	-	Praia: Sim, 3 grupos 380 gostos Local: Sim, 330 gostos
	Castelo do Neiva	-	-	Ambiente rural/ pesca artesanal	Local: 4 páginas, 3350 gostos

As câmaras municipais de Caminha e Viana do Castelo envidam esforços significativos para aumentar o conhecimento sobre as funções das praias, para além da vertente do lazer. No atual quadro financeiro da EU (2007-2013), o Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) contribuiu para este esforço através do Eixo Prioritário III - Valorização e Qualificação Ambiental e Territorial, do Programa Operacional ON.2 - O Novo Norte (Programa Operacional Regional do Norte (QREN), no âmbito das “Ações de Valorização do Litoral”. Por exemplo, o Novo Parque Dr. Ramos Pereira, em Vila Praia de Âncora, que foi cofinanciado em 75% pelo FEDER, dispõe de diversas valências: áreas de lazer, uma praça multiusos, parque infantil, geriátrico e radical e ainda uma ecovia. A sua construção permitiu o melhoramento da rede de transportes e a resolução de alguns problemas de poluição que sazonalmente afetam o rio Âncora. Um outro exemplo é o evento sobre a diversidade e funcionalidade dunar, destinado ao público em geral, apoiado pela Câmara Municipal da Viana do Castelo e organizado pelo Centro de Monitorização Ambiental: a oficina de aprendizagem intitulada “Dunas, mais do que montes de areia”¹⁵. Esta iniciativa contribui para dar a conhecer a flora e a fauna da Praia Norte e das demais estâncias balneares, bem como sensibilizar a população para a sua preservação.

¹⁵ O evento foi realizado a 13 de julho de 2013.

CONCLUSÃO

Com o presente trabalho, pretendemos analisar a transformação das funcionalidades das praias marítimas, considerando o caso do Alto Minho, no norte de Portugal, que surge como alternativa aos principais destinos de massas. A localização e as características climáticas desta região não permitem a sua associação ao produto turístico “sol-mar-areia”, mas possibilitam o desenvolvimento de funções alternativas.

No norte de Portugal, o turismo balnear começou a desenvolver-se na segunda metade do século XIX, quando a ida à praia se generalizou. Inicialmente, valorizavam-se os seus efeitos medicinais, pelo que a sua frequência era ditada, sobretudo, por razões que se prendiam com a prevenção e tratamento de doenças. Mais tarde, as estâncias balneares acabam por se transformar em espaços de lazer, sendo relegada para segundo plano a vertente terapêutica.

No passado, as praias do Alto Minho não constavam dos lugares cimeiros na hierarquização das praias do norte do país e, ainda hoje, não aparecem entre as favoritas para o turismo balnear. Apesar desta continuidade, a graduação do passado foi feita com base em critérios bem diferentes: a popularidade de uma praia era avaliada em função do estatuto social dos veraneantes, ao passo que hoje as características climáticas e morfológicas são fatores determinantes. Na atualidade, a preservação de paisagem natural e a qualidade da água, entre outras razões, têm justificado a atribuição da Bandeira Azul, um galardão de qualidade reconhecido em toda a União Europeia (UE), a metade das praias do Alto Minho.

Além das condições naturais, o desenvolvimento dos transportes e das vias de co-municação, bem como a estabilização do panorama político internacional no pós II Guerra Mundial, contribuíram para a afirmação da região do Algarve como o principal destino turístico do país. Contudo, esta alteração de paradigma na utilização das praias foi também promovida pela mudança de hábitos e atividades de lazer, para a qual contribuiu Coco Chanel, quando, nos anos vinte do século passado, proclamou o bronzeados da pele uma moda. Mesmo assim, as praias do norte de Portugal conseguiram manter o seu prestígio e a sua atratividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, C. (1987). *Alto Minho*. Lisboa: Editorial Presença.

Almeida, E. (1885). *Hydrotherapia suas indicações no tratamento das nevroses*. Porto: Typographia Occidental.

Bicho, F. (1926). *Organização dos Serviços Sanitários em Portugal*. Porto: Tip. da Empresa d’O Progresso”.

- Cadavez, M. (2012). *A Bem da Nação. As Representações Turísticas no Estado Novo entre 1933 e 1940*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- Cardoso, J. A. L. (1912). *Micróbios e doenças. Biblioteca do Povo e das Escolas*, n.º 152.
- Cascão, R. (2011). Em casa: o quotidiano familiar. In Vaquinhas, I. (Coord.), *História da Vida Privada em Portugal. A época contemporânea*. Lisboa: Círculo de Leitores, 250-251.
- Corbin, A. (1990). Os Bastidores. In Duby, G.; Ariés, P. (dir), *História da Vida Privada. Da Revolução à Grande Guerra*, vol. 4. Porto: Edições Afrontamento, 442-446.
- Cosme, J. (2006). As preocupações higio-sanitárias em Portugal (2.^a metade do século XIX e princípio do século XX). *Revista da Faculdade de Letras: História*, série III, vol. 07, 181-196.
- Costa, C. (1996). Towards the improvement of the efficiency of tourism planning and de-velopment at the regional level: planning, organisations and networks. PhD, Unpublished PhD thesis. University of Surrey.
- Edwards, J.; C. Fernandes (1999). Emigrants and espigueiros - Tourism activities in a peripheral area of Portugal. *International Journal of Tourism Research* 1(5): 329-340.
- Ferreira, M. (2005). *A doença do peito. Contributo para o estudo histórico da tuberculose*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Júnior, A. F. S. (1874). *Estudo sobre os efeitos physiologicos e therapeuticos dos banhos do mar frios*. Porto: Typographia de Manoel José Pereira.
- Machado, H. (2000). *A construção social da praia. Sociedade e Cultura 1. Cadernos do Noroeste*, 13, 1, 201 - 218.
- Marques, A. (1901). *A guerra à tuberculose*. Porto: Typ. a vapor da Empreza Litteraria e Typographica.
- Martins, P. (2011). Contributos para a história de ir à praia em Portugal. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- Ortigão, R. (1875). *As praias de Portugal. Guia do Banhista e do viajante*. Porto: Livraria Universal.
- Pereira, A. L.; Pita, J. R. (2011). A higiene: da higiene das habitações ao asseio pessoal. In Vaquinhas, I. (dir.), *História da Vida Privada em Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 97-100.
- Pessanha, A. (1893). *Breve Estudo sobre a Medicação Marítima nas crianças*. Porto: Typographia Gandra.
- Pinto, J. (1887). *Medicação Marítima*, Porto.
- Rodrigues, J. J. (1884). Lisboa e a Cholera. *Biblioteca do Povo e das Escolas*, n.º 88.
- Vaquinhas, I. (2006). Nome de Código “33856”. “Jogos de Fortuna ou Azar” em Portugal entre a repressão e a tolerância (de finais do século XIX a 1927), Lisboa, Livros Horizonte.

- Vasconcellos, L. de (1907). *A Água do mar. Theorias e aplicações therapeuticas recentes*. Porto: typ. Do “Porto Médico”.
- Vieira, A. (1987). *O Minho Pittoresco*, Tomo II. Valença: Rotary Club de Valença.
- Vigarello, G. (1988). *O Limpo e o Sujo. A Higiene do Corpo desde a Idade Média*. Lisboa: Editorial Fragmentos.

FONTES IMPRESSAS

- Comércio do Lima*, 1880-08-25, n.º 248.
- Comércio do Lima*, 1909-09-04, n.º 158.
- A plebe*, 15 de setembro de 1918, Ano n.º 8, n.º 353
- A plebe*, 20 de outubro de 1918, Ano n.º 8, n.º 357.
- O campanário*, 26 de setembro de 1917.
- Sábado*, 27 de junho a 3 de julho de 2013, n.º 478.

FONTES MANUSCRITAS

ARQUIVO DISTRITAL DE VIANA DO CASTELO

- Construção da colónia balnear infantil da praia do Cabedelo*, n.º 1.51.7.1-2, Documentos avulso.
- Arruamento de acesso à praia sul de Afife*, n. 1.51.6.4-5, não paginado.
- Consultas de barracas para banhos*, n. 2.38.4.1-37, não paginado.

FONTES DO INTERNET

- Associação Bandeira Azul da Europa (ABAE) (2013)*. www.abae.pt.